

MOTIVAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS

SCHMITZ, Diego¹;
BRANDÃO, Claudia Mariza Mattos³

¹ Universidade Federal de Pelotas 1 – ruasilva107@gmail.com 1

³ Universidade Federal de Pelotas – attos@vetorial.net

1. INTRODUÇÃO

Visando refletir sobre as experiências adquiridas no curso de Artes Visuais Licenciatura (Centro de Artes, UFPel) por meio da extensão e da pesquisa, das práticas de estágio e como aluno, decidi elaborar o meu Trabalho de Conclusão de Curso discutindo as motivações da carreira docente em Artes Visuais. Apoiado em autores que debatem o papel do professor e da escola como mediadores das transformações sociais pretendidas para alcançarmos um equilíbrio nas relações homem/mundo, e com o auxílio de entrevistas com profissionais da área da educação em Artes, abordando suas motivações passadas e futuras, a pesquisa busca relacionar e discutir as ideias dos teóricos e o resultado das entrevistas, com a minha própria história como aluno e graduando. Logo, este trabalho tem por intuito apresentar alguns resultados parciais do TCC que está em andamento, com defesa prevista para dezembro de 2015.

Rubem Alves (1984) discute sobre uma escola problemática, na qual o aluno se mostra desinteressado, cujas metodologias não condizem com os seus interesses, destacando que mesmo em face dos problemas, tem em si muito potencial. Já Duarte Junior (1991) argumenta que a Arte possibilita que as pessoas canalizem suas emoções para que seus sentimentos sejam transformados em expressão estética, não expostos como ódio e violência. Ou seja, ele defende a arte como uma forma alternativa de comunicação. Assim, podemos perceber que a Arte tem um papel fundamental nos currículos escolares e em especial para o aluno, pois ela tem a capacidade de (re)encantar os olhares, sobrepujando o desinteresse escolar e suas maçantes rotinas. Para tanto, a Arte expõe os sentimentos facilitando a compreensão sensível da nossa condição humana e de nossas relações/interações com o mundo. Nesse sentido, Paulo Freire (1987) considera tais questões vitais para a libertação do homem de modo que possa refletir e agir em prol de relações igualitárias e sustentáveis. Sendo assim, é possível perceber o quanto esses autores estão em acordo no entendimento da importância de professores sensíveis aos anseios de seus alunos, sendo importantes para a discussão sobre as motivações docentes.

Para me auxiliar no caminho da narrativa autobiográfica Pourtoir & Desmet são importantes para a descoberta das minhas motivações. Isso, pois os autores dialogam a favor deste intento biográfico ao propor que “somos frutos do meio, sendo assim, as nossas propostas pedagógicas estão impregnadas do que somos” (POURTOIR & DESMET, 2004, p. 2). Ciente disso, a relevância autobiográfica se faz pertinente para que eu possa pensar se o meio em que vivi, minha realidade social, escolar, podem ter me tornado empático com a vontade de ensinar. Porém, absorvido dessa nossa relação com o meio, posso observar alguns problemas que vivenciei como oficineiro do Grupo DEA, e depois como professor que são bem retratados por Freire em a Pedagogia da Autonomia (1996).

Um dos problemas que identifiquei relativo à docência em Artes Visuais diz respeito a algumas velhas máximas, assim como: Artes não roda!, Artes é descanso para os alunos!; Artes... o que é isso? Artes não são importantes... Essas colocações promovem para os arte/educadores um grande desafio. Além de superar as dificuldades de um sistema de ensino defasado com relação às solicitações do mundo contemporâneo, o professor também precisa se mostrar aberto aos novos métodos, consciente de que a formação é processual e se dá ao longo da vida. Sendo assim, a motivação é fundamental e, além disso, a própria criticidade sobre as suas práticas, sobre seu próprio universo. E tudo isso coincide com a minha questão pessoal como graduando para chegar a patamares de discussões reveladoras, através das quais essa motivação possa ser desvendada.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho qualitativo com ênfase nos preceitos da pesquisa-ação e da pesquisa autobiográfica. E pensando em um meio de me situar no mundo, rememoro com Ô (2005) acerca de como a consciência perspectivada das coisas nos mostra caminhos para a reflexão sobre nossos atos no mundo. Visando isso, proponho refletir minha jornada como aluno, expondo os fatos marcantes de minha formação desde o ensino fundamental até o momento como graduando em Artes Visuais. Nessa relação buscarei me situar em meio à educação como aluno, para redescobrir meus professores e ver nas falhas e acertos do sistema escolar que tive, quais os momentos que me marcaram. Isso será possível ao usar os teóricos que me embasam para esclarecer esses momentos específicos e ver a relação com o meu presente como graduando.

Enquanto graduando, comecei a ter outro posicionamento perante a Arte e o Ser Professor, principalmente ao adentrar o Grupo DEA e conheci as práticas de uma pesquisa-ação, “uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores para que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos” (TRIPP, 2005, p. 445). E nessa “consciência de atos” que irei trabalhar, estudar e reviver, para que eu possa relacionar esse aprendizado com os teóricos de apoio, Freire (1987, 1996), Duarte Jr. (1991) e Alves (1984), esperando descobrir as relações com a escola que eu tive frente ao aluno que sou.

Como procedimento metodológico também serão realizadas entrevistas semiestruturadas com professores em exercício da função, versando sobre educação e os motivos pelos quais cada educador desejou ser professor. Em vista da realidade de cada um que será desvendada, é importante saber o que lhes motivou e o que ainda lhes motiva, além de suas expectativas, realizações, e antíteses aos ideais estabelecidos quando iniciaram suas jornadas. Cada diálogo será analisado para que seja possível relacionar as respostas frente às referências teóricas e as minhas próprias expectativas.

Visando que temos uma história circunscrita a um contexto de vida e de aprendizado, como vimos em Ô (2010), pensando essa história na qual as lutas, os objetivos, as lacunas e as superações são comuns para os que sentem a necessidade de fazer um mundo diferente, ser sensível com essas lutas e com quem as fazem, como Freire (1987) esmiúça em seus estudos pela liberdade do povo brasileiro, nos incita a mudar as coisas. Lidando então com o fato de que sou um futuro professor, com sua história particular, que vê nas Artes as possibilidades de transformação, encontro em Duarte Junior (1991) a Arte e suas

potências confabulando com seus ideais. Busco, por meio dos dados obtidos com as entrevistas e com a análise da minha história, desvelar algumas respostas possíveis para a questão de pesquisa, na consideração das ideias dos teóricos estudados. Sendo assim, desta proposta constam os seguintes procedimentos metodológicos: revisão da bibliografia dos temas em questão; escrita da narrativa autobiográfica; seleção dos sujeitos da pesquisa; realização de entrevistas semi-estruturadas, análise e problematização dos dados, fornecidos através da narrativa autobiográfica e das entrevistas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho está em desenvolvimento, mas alguns resultados parciais já foram identificados. Na análise da autobiografia encontrei com minhas memórias alguns fatos importantes que dialogam com o objetivo da pesquisa, e que também apontam para a importância das discussões sobre o universo escolar e do papel do professor neste processo.

Em minha vida um professor me marcou em particular. O encontrei no início do Ensino Médio e ele ao ver meus primeiros desenhos me motivou a continuar desenhando e escrevendo, pois para ele também mostrei meus primeiros escritos. Com ele discutia sobre as minhas produções, o ensino, também analisávamos a escola, os outros professores, os livros, a arte, e tudo o que víamos e nos motivava como seres humanos. Ele sempre me incentivou a persistir na arte, e com o seu consentimento, em uma parede do quiosque de sua casa, iniciei uma pintura de paisagem a óleo. Freire faltava em nossos diálogos em carne e osso, mas como filosofia ele sempre esteve presente.

Em nossas conversas ele sempre falava sobre seus métodos, como associava prática e teoria criando circunstâncias para aproximar o aluno de sua realidade, pesquisando sobre seus vizinhos, o relevo da região, seus arroios, vegetação, e assim os estudantes pouco a pouco passavam a ter uma criticidade sobre seu mundo e agindo em alguns momentos. Tal metodologia fazia com que os alunos gostassem mais da escola, inclusive dos conteúdos, considerando esse professor como alguém surpreendente, que lhes possibilitava a autonomia do pensamento, a liberdade como pessoas. Freire (1987) diria que esse é um bom exemplo de libertação do homem, pois na medida em que conhecemos a realidade fica mais fácil interferir nela.

Esse meu mestre conseguiu me mostrar como ser um bom professor, dominando os conteúdos e transmitindo-os conectados à realidade dos estudantes. Assim, além de me motivar como artista, ele me instigou indiretamente à docência.

Como graduando, eu frequentei escolas com o olhar de um observador atento, refletindo sobre métodos possíveis para colaborar com as transformações pretendidas. Observei muitas vezes que o professor que insere o aluno geograficamente, que discute sobre as problemáticas da comunidade, que dialoga sobre questões pertinentes ao cotidiano dos estudantes, contribui para a formação de cidadãos ao torná-los pesquisadores do mundo. Tal professor, que conhece seu poder transformador inexistente em muitas escolas, apáticas frente ao mundo, e que vê o aluno como um ser não vinculável, excluído de suas decisões. Esse é um local onde o aluno vai trôpego, inquieto, incerto do que vai encontrar a cada dia letivo, mas com a esperança de que se transforme em um lugar instigante no qual cada um seja visto como um ser capaz de exercer suas potencialidades (ALVES, 1984).

Com isso, percebo que a escola precisa ser algo a mais que somente um local sem atrativos para os alunos, pois é ali que eles deveriam conseguir trabalhar suas inquietações pessoais. Nisso, pensando em Freire (1987) que defende a importância de uma sociedade habitada por pessoas livres, que refletem e agem em seu meio social, percebemos que a existência dessas pessoas libertas não é só uma necessidade fundamentada na ideologia, é algo mais existencial, como uma lacuna a ser preenchida nos sujeitos. Como diria Duarte Junior (1991) uma lacuna que com a Arte é recheada pela imaginação, pela criatividade, além da descoberta das potencialidades expressivas de cada um.

4. CONCLUSÕES

Se as problemáticas da profissão docente são inúmeras, assim como a sua desvalorização social, a falta de respeito por parte da própria instituição, especialmente no caso dos professores de Artes, e se esses problemas são encontrados e discutidos na teoria e divulgados pelas mídias informativas, saber o que ainda motiva e o que motivou as pessoas ao optarem por essa carreira passa a ser importante. Isso, para entender as minhas próprias motivações, discutindo especialmente a área de Artes Visuais, tradicionalmente desconsiderada nos currículos escolares. Por ser a minha área de formação, eu considero vital discutir sobre a profissão, sobre o professor e, principalmente, deixar claro a sua importância para a sociedade e para quem quer trilhar esse caminho. Sendo assim, “O que motiva o ser professor em Artes?” passa a ser uma questão importante para ser esclarecida em tempos de tantos conflitos. Como este trabalho ainda não aponta resultados precisos, apresentá-lo é uma forma de dizer que tem problemas. Mostrar que muitos acreditam na docência e instigar quem está se iniciando na profissão docente a ser motivado considero é uma contribuição importante para que este iniciante não desanime, buscando métodos inovadores para que possa apoiar o desenvolvimento de uma educação melhor.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo. Cortez Editora, Autores Associados, 1984.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- JUNIOR, J. F. D. **Por que arte-educação?** 15ª Edição. Papirus Editora. Coleção Ágere. São Paulo, 1991.
- POURTOIS, J.; DESMET, H. **A Educação pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2004.
- TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2014.